

O cotidiano do professor do ensino superior e suas identidades profissionais: uma discussão à luz de Michel de Certeau e Claude Dubar

The daily life of higher education professors and their professional identities: a discussion in light of Michel de Certeau and Claude Dubar

José Ricardo Costa de Mendonça

Universidade Federal de Pernambuco

jose.mendonca@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7718-984X>

RESUMO

O objetivo deste texto foi discutir o cotidiano do professor do ensino superior e suas identidades profissionais à luz de Michel de Certeau e Claude Dubar. O cotidiano compreende as ações e as vivências das pessoas em sua rotina diária – um ambiente no qual, apesar das restrições impostas pelas normas sociais e culturais, os indivíduos encontram maneiras de agir com criatividade. As identidades profissionais são as formas de identidade que se configuram na relação entre o “Eu” e o “Nós”, particularmente no contexto das atividades laborais remuneradas. Para a elaboração deste artigo, foi realizada uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados *Spell*, Portal de Periódicos da Capes e no Google Acadêmico. Com base na literatura utilizada, foram identificadas seis categorias analíticas em comum nas ideias de Certeau e de Dubar: centralidade do cotidiano; influência das estruturas sociais; ação individual e coletiva; resistência e criatividade; alteridade; e construção da identidade.

Palavras-Chave: cotidiano; identidade; professor; Certeau; Dubar.

ABSTRACT

The aim of this paper was to discuss the daily life of higher education professors and their professional identities through the theoretical lenses of Michel de Certeau and Claude Dubar. Daily life encompasses individuals' actions and experiences within their everyday routines — a context in which, despite the constraints imposed by social and cultural norms, people find ways to act creatively. Professional identities refer to the forms of identity that emerge from the relationship between the “I” and the “We,” particularly within the context of paid occupational activities. A narrative literature review was conducted using the *Spell* database, the Capes Journal Portal, and Google Scholar. Based on the literature reviewed, six analytical categories were identified as common to the ideas of Certeau and Dubar: the centrality of everyday life; the influence of social structures; individual and collective action; resistance and creativity; alterity; and the construction of identity.

Keywords: everyday life; identity; professor; Certeau; Dubar.

Introdução

Observa-se que, na sociedade contemporânea, as demandas de ordem social, tecnológica, científica, entre outras, dos professores do ensino superior têm se ampliado e se diversificado. Entende-se que essas demandas afetam a identidade profissional dos professores, que é construída e reconstruída nas interações sociais, com base nas diferentes experiências vivenciadas no cotidiano e na história de vida de cada sujeito. No que se refere às universidades, estas vêm enfrentando desafios e obstáculos para desempenhar seu papel social de produção de conhecimento e cultura (Berger, 2023).

Tratar do cotidiano é considerar as relações que são construídas nos arranjos do dia a dia, os quais se materializam como instrumento de identidade de um determinado grupo social. O estudo do cotidiano proporciona a descoberta de atos, gestos e palavras do homem em geral (Joaquim, 2012) e permite ir além das formas de pensamento do senso comum (Gouvêa & Ichikawa, 2015).

O cotidiano é estudado por diversos autores, entre eles, destacam-se Agnes Heller, Erving Goffman, Henri Lefebvre e Michel de Certeau (Stecanela, 2009; Gouvêa & Ichikawa, 2014; Gouvêa & Ichikawa, 2015). Desse modo, Rodrigues e Ichikawa (2015) ressaltam que, nos estudos sobre o cotidiano, em especial no campo dos Estudos Organizacionais (EO) brasileiros, umas das principais referências nas pesquisas é Michel de Certeau. Neste texto, aborda-se o cotidiano à luz de Certeau e entende-se que o cotidiano: “

[...] é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente [...] é uma história a caminho de nós mesmos, quase retirada, às vezes velada (Certeau, 1994, p. 31).

O que chama a atenção na obra de Certeau é o interesse pelo “homem comum”, ou “homem ordinário”, e por suas subversões silenciosas no cotidiano (Sousa Filho, 2002). Entende-se o termo “ordinário” como um adjetivo que qualifica algo que está de acordo com o costume, que é habitual, que é repetido e frequente. Sendo assim, argumenta-se que o professor do ensino superior é um “homem comum” no contexto acadêmico e em seu grupo social, no qual o conhecimento é produzido, compartilhado e consumido.

Nascimento, Marra e Honorato (2015) salientam que os indivíduos inventam os seus cotidianos com o propósito de escapar silenciosamente das estratégias de manipulação e de controle presentes no seu dia a dia. Certeau distingue o cotidiano como o espaço propício para a inventividade e a resistência, espaço no qual os indivíduos constroem a sua própria história (Gouvêa & Ichikawa, 2014, p. 2). Sob a perspectiva certauniana, são descritas as pequenas práticas dos sujeitos, as quais se articulam nos instantes de tempo que constroem o dia a dia. Compreende-se essas práticas como movimentos de resistência diante do poder dominante, que se encontram em constante mudança, segundo as conveniências de seus articuladores (Cabana & Ichikawa, 2017).

Observa-se na literatura especializada a ligação entre cotidiano e identidade. Cabana e Ichikawa (2017, p. 291) apontam que “[...] o cotidiano e identidade são

temas que se encontram entrelaçados, as identidades se constroem e reconstroem no cotidiano e o cotidiano se reinventa, em parte, segundo as identidades”. A identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura. Ela é o resultado, a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (Dubar, 2005).

Castells (2008, p. 22) entende a identidade como o “[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. A manifestação de uma determinada identidade é marcada por processos contraditórios, tensões e incertezas entre as trajetórias biográficas resultantes de experiências individuais e grupais, além das situações relacionais vivenciadas em um determinado meio, seja a área específica de atuação profissional ou social por parte dos atores envolvidos (Cardoso, 2010).

A identidade é um processo socialmente construído e inacabado ao longo da vida, já que o indivíduo segue integrando normas, valores, crenças, princípios, pontos de vistas e comportamentos que lhe permitem atribuir uma congruência à sua identidade pessoal, além de auxiliar em sua integração social (Bonete, 2022).

Atividades de trabalho dão sentido à existência individual e organizam a vida de coletivos. Denominadas de ofícios, vocações ou profissões, essas atividades não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social (Dubar, 2012).

A identidade individual sofre transformações e influencia as experiências individuais e coletivas. Entretanto, a identidade coletiva não é decorrência da individual, mas é, sim, marcada por uma dualidade: a identidade para si e a identidade para o outro. Ambas são essenciais para definir a identidade profissional do indivíduo (Silva & Mano, 2018). Conforme destacam Silva e Silva (2022, p. 3), a identidade profissional refere-se ao “[...] processo de socialização na profissão, por meio do qual o indivíduo assume papéis, valores e normas do grupo profissional ao qual pertence”.

Embora a identidade profissional seja um tema que desperta interesse em múltiplas áreas de pesquisa, a identidade vinculada ao meio acadêmico – especialmente no que se refere à docência – tem recebido pouca atenção em diversas disciplinas do conhecimento (Lima, Ferraz & Vendramin, 2022).

Com base no exposto, este texto tem como objetivo discutir o cotidiano do professor do ensino superior e suas identidades profissionais à luz de Michel de Certeau e Claude Dubar. Para construção do referencial teórico, foi realizada uma revisão narrativa da literatura. De acordo com Smith (2012), a revisão narrativa da literatura procura sintetizar as evidências acerca dos principais conceitos teóricos de determinada temática, possibilitando levantar discussões de cunho opinativo pessoal. As revisões narrativas da literatura têm como objetivo identificar e resumir o que já foi publicado, evitando duplicações e buscando novas áreas de estudo ainda não abordadas.

Foi feita uma busca na base *Spell (Scientific Periodicals Electronic Library)*, com a palavra-chave “identidade”. Desse modo, foram identificados 338 artigos sobre o tema. Entretanto, apenas dois trabalhos abordavam a identidade do professor de ensino superior. O primeiro, intitulado *Tornando-se professor: análise do processo de construção da identidade docente dos professores de contabilidade*, tem como objetivo “[...] trazer uma nova perspectiva teórica para analisar a trajetória, formação e atuação docente em contabilidade, além de refletir sobre os processos de socialização de novos docentes da área e o sentido que esses docentes atribuem à docência” (Lima & Araujo, 2019, p. 2). O segundo trabalho, intitulado *O que me faz docente? Análise dos constituintes da identidade docente em contabilidade*, tem como objetivo “[...] analisar quais os fatores constituintes da Identidade Docente de diferentes grupos de professores de Ciências Contábeis” (Lima, Ferraz & Vendramin, 2022, p. 105).

Foi realizada uma pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, com o objetivo de identificar estudos que contribuam para a redução da lacuna existente acerca da identidade do professor do ensino superior. Inicialmente, a busca pela palavra-chave “identidade” resultou em 13.041 artigos, no período de 2021 a 2025. Em uma etapa posterior, ao se empregar a expressão “identidade profissional”, foram encontrados 1.130 artigos no mesmo período. Refinando ainda mais os critérios, a combinação das palavras-chave “identidade profissional” e “professor” retornou 211 resultados. Por fim, ao se utilizar simultaneamente os termos “identidade profissional”, “professor”, “Dubar” e “Certeau”, nenhum registro foi localizado.

No Google Acadêmico, a utilização das palavras-chave “identidade profissional” e “professor” resultou na identificação de 16.500 artigos. Ao refinar a busca com a inclusão dos termos “identidade profissional”, “professor”, “Dubar” e “Certeau”, foram encontrados dois artigos.

Os critérios de inclusão adotados para este estudo foram: tipo de texto (artigo); idioma (português, inglês e espanhol); disponibilidade (texto integral); e período de tempo, de 2021 a 2025. Para o estudo do material bibliográfico, os artigos selecionados foram lidos e fichados com o intuito de fazer uma posterior identificação dos principais tópicos, argumentos e conclusões de cada fonte, além da identificação das relações entre elas.

O estudo do cotidiano do professor de ensino superior, por meio da ótica de Michel de Certeau, com a análise das identidades profissionais de Claude Dubar, oferece uma abordagem rica e detalhada que pode avançar no conhecimento da área de estudos organizacionais. A análise conjunta dessas perspectivas permite compreender como os indivíduos atuam e se adaptam em ambientes complexos, como as instituições de ensino superior, oferecendo uma compreensão da dinâmica organizacional.

A seguir, será apresentado o arcabouço teórico que fundamenta este estudo.

Reflexões Sobre o Cotidiano em Certeau

Neste texto, parte-se do pressuposto de que a construção e a reconstrução das identidades dos indivíduos acontecem a partir das atividades que são realizadas no cotidiano. A fundamentação teórica sobre o cotidiano aqui tem como principal base

Michel de Certeau. Nas palavras de Cabana e Ichikawa (2017, p. 289), “[...] falar de cotidiano é falar de Michel de Certeau”. O pressuposto certauniano essencial para a análise da vida cotidiana concentra-se nos “[...] lances táticos e situacionais que informam as artes de fazer. [...] a análise de Certeau segue uma lógica própria ao [abordar] a ação cotidiana em suas feições predominantemente conflitantes” (Leite, 2010, p. 745). O conceito de cotidiano neste texto baseia-se em Certeau, Giard e Mayol (2004, p. 31), que definem o cotidiano como:

Aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...].

O cotidiano usualmente é delineado por um conjunto de rotinas, as quais devem ser seguidas por todos. A rotina se relaciona à ideia de caminho, de rota, que, por sua vez, pode estar ligada semanticamente à ruptura, a corte e a rompimento (Stecanela, 2009). A trajetória linear estabelecida pelas rotinas, que guia as ações dos indivíduos em sua vida cotidiana, é construída por intermédio das estratégias. Pais (2003) assinala que a produção e a reprodução das rotinas conduzem ao estabelecimento de uma cotidianidade, que está sujeita a um processo de socialização. O cotidiano em Certeau pode ser entendido, segundo descrevem Rates *et al.* (2019, p. 357), como:

Algo que um simples cenário de trabalho, representando um espaço de produção e reprodução das práticas sociais. É um lugar onde os dominados são capazes de se apropriar da esfera simbólicas constituída pelos dominantes e transformá-la ressignificá-la de acordo com suas necessidades e possibilidades.

Entretanto, no cotidiano, manifestam-se opressões, ao mesmo tempo que os praticantes resistem ao poder dominante e lutam para que o contexto não se torne rotina (Certeau, Giard & Mayol, 2004).

Vale ressaltar que a vida cotidiana não está localizada fora da história, mas sim no centro do acontecer histórico; em outras palavras, a vida cotidiana constrói e é construída pela história (Joaquim, 2012). Na obra de Certeau, os indivíduos são vistos como seres criativos que inventam a sua própria história por meio das ações desenvolvidas em seu cotidiano. Os indivíduos não são apenas replicadores passivos de ordens preestabelecidas pela sociedade, pelas instituições e pelos grupos sociais (Gouvêa & Ichikawa, 2015). As ações humanas são organizadas por meio de práticas (maneiras de fazer), como diria Certeau, e se referem a um contexto determinado, por exemplo, os locais de trabalho (Schatzki, 2006). Ressalta-se que Mayol (2004, p. 39) conceitua prática como:

A combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos, ao mesmo tempo passados por uma tradição e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos do discurso. Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente.

As práticas constituem, para Certeau, as maneiras de fazer dos indivíduos, e é por meio delas que os indivíduos se apropriam do espaço social e modificam o funcionamento das macroestruturas, com o objetivo de ressignificá-las com base nas microrresistências construídas no cotidiano (Joaquim, 2012). Sob a ótica de Certeau, o cotidiano está dado pelas práticas que o indivíduo comum realiza para se libertar da ordem estabelecida, de acordo com a sua conveniência e as suas possibilidades (Cabana & Ichikawa, 2017).

Considera-se o cotidiano como um “território” amplo e socialmente construído no qual os indivíduos existem, criam e recriam as identidades (Cabana & Ichikawa, 2017). É nesse território que os indivíduos e os grupos se relacionam na produção das identidades, de forma a transformar o “espaço” em um “lugar simbólico” (Certeau, 1994). Cabana e Ichikawa (2017, p. 291) enfatizam que “[...] o cotidiano vai sendo reinventado constantemente pelos seus praticantes, por sua vez, as identidades também se transformam no cotidiano”.

Segundo Gouvêa e Ichikawa (2014, 2015), o estudo do cotidiano possibilita o contato com as atividades simples, as ações e as práticas que geralmente passam despercebidas, pois estão fixadas nas iniciativas tomadas a partir das normas e das formalidades instituídas e impostas de alguma forma aos indivíduos. Certeau (1994) salienta a importância dos saberes ordinários, os quais acontecem nas minúcias das práticas diárias (cotidianas) realizadas pelos indivíduos. Destaca-se que é o homem ordinário quem realiza, participa e constrói o cotidiano a partir de suas práticas (Callefi & Ichikawa, 2021).

As práticas são apresentadas por Certeau em dois arranjos: as estratégicas e as táticas (Oliveira & Cavedon, 2013). Para Certeau, a estratégia é o movimento calculado, manipulado, predeterminado, no qual existe um próprio (Cabana & Ichikawa, 2017). Ele se refere “[...] à vitória do lugar sobre o tempo, sobre a possibilidade de estabelecer uma ordem em um espaço de mobilidade” (Oliveira & Cavedon, 2013, p. 158).

Na visão de Certeau, as estratégias são responsáveis por organizar e por manter a estabilidade e a ordem em um lugar, visando à estabilidade do ambiente social. Estratégias são postuladas por um ou mais indivíduos que se utilizam de poder para manipular e condicionar os comportamentos de outros indivíduos, bem como para definir suas formas de agir (Nascimento, Marra & Honorato, 2015). Destaca-se que a uniformização do cotidiano pode ser quebrada a partir das micropáticas individuais, ou microrresistências. Elas são possibilitadas quando os indivíduos desenvolvem táticas a fim de se libertarem do poder exercido sobre eles (Gouvêa & Ichikawa, 2014) pela sociedade e também pelas organizações.

As táticas são caracterizadas pela ação calculada e determinada pela ausência de um próprio. Elas atuam no campo do outro e no espaço por ele controlado (Oliveira & Cavedon, 2013). A ideia de outro não é apenas relevante para o estudo do cotidiano, mas também para a discussão sobre identidade, que será detalhada posteriormente neste texto. As táticas subvertem a ordem que domina o ambiente social e são as formas criadas pelo indivíduo para se desviar dos padrões que determinam sua conduta (Nascimento, Marra & Honorato, 2015). As táticas, como microrresistências, permitem mobilidade e improvisação por parte dos sujeitos nos contextos sociais.

É possível observar nos estudos de Certeau a forte ligação entre identidade e diferença, a importância do “outro”, do diferente, do estranho (Cabana & Ichikawa, 2017). Certeau, em sua obra, reflete sobre esses “estranhos” (a ação “estranha” da transgressão) como a contínua relação do “mesmo” com o “outro” (a alteridade) nos encontros humanos (interações) e das instituições aceitas (Sousa Filho, 2002). Alteridade aqui entendida como a natureza ou a condição do que é outro, do que é distinto; como a situação, o estado ou a qualidade que se constituem por intermédio de relações de contraste, distinção e diferença. A identidade necessita da diferença, e ambas são estruturas narrativas e discursivas sociais, culturais e não naturais, que podem ser transformadas (Cabana & Ichikawa, 2017).

De acordo com Souza e Carrieri (2012), a identidade é construída cotidianamente por meio de bricolagens. Na obra de Certeau, a bricolagem é a maneira criativa de articular fragmentos como forma de transgressão da ordem (Faria & Silva, 2017). Para construir suas identidades, os indivíduos se apropriam da esfera simbólica do espaço no qual se encontram, dessa forma, agem sobre essa esfera e se autodefinem como sujeitos (Souza & Carrieri, 2012).

Depois de discutir aspectos do cotidiano na visão de Michel de Certeau, a seguir, serão realizadas algumas reflexões sobre identidades profissionais.

Identidades Profissionais em Dubar

Neste texto, a reflexão teórica sobre identidades tem como principal referência Claude Dubar. Acredita-se que a abordagem sobre identidades em Dubar permite aproximações com a abordagem do cotidiano em Certeau. Dubar é um nome representativo no campo da sociologia das profissões, cuja análise relaciona a formatação de identidades profissionais aos processos de socialização, em um movimento de construção, de desconstrução e de reconstrução de identidades (Cardoso, 2010). Dubar discute a identidade como um produto de comportamentos, de características e de atitudes incorporados pelos indivíduos a partir dos papéis assumidos em diferentes contextos, como a família, os amigos e os espaços profissionais (Pires, Oliveira Farias & Fazendeiro, 2019).

A palavra identidade vem do latim *identitas*, que significa igualdade, continuidade. Dubar (2009) refere-se a identidades profissionais como sendo as formas de identidade que se configuram na relação entre o “Eu” e o “Nós”, particularmente no contexto das atividades laborais remuneradas. Esse termo polissêmico e o estudo de sua aquisição são discutidos em diferentes áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicologia, a antropologia, entre outros, e considerando diferentes perspectivas (Silva & Mano, 2018). Conforme descrevem Lima, Ferraz e Vendramin (2022), para Dubar, a análise sociológica da identidade se diferencia da visão psicológica ao entender que tanto a construção quanto as possíveis rupturas identitárias decorrem de conflitos ou de contradições presentes no próprio ambiente social, e não, necessariamente, de processos internos da psique. Todo indivíduo possui, por um lado, uma identidade que lhe é atribuída socialmente – associada à percepção dos outros sobre “que tipo de pessoa você é” – e, por outro, uma identidade que é construída de forma reflexiva, baseada na pergunta “que tipo de homem ou mulher você deseja ser”.

A identidade é um processo construído socialmente e permanece em constante desenvolvimento ao longo da vida. No decorrer de sua trajetória, o ser humano se socializa e adota normas, valores, crenças, princípios, perspectivas e comportamentos que lhe conferem uma sensação de coerência em sua identidade pessoal, além de facilitar sua integração na sociedade (Bonete, 2022). Identidade é entendida como “[...] um conjunto emaranhado de fatores de ordem social e também biográfica, englobando as experiências do sujeito em contextos diversificados da vida” (Berger, 2023, p. 12.616). As identidades são importantes, do ponto de vista pessoal e social, para se obter o melhor entendimento de práticas singulares ou coletivas. É importante destacar que:

Em nível pessoal, a identidade, ou o conceito de si mesmo, orienta a ação individual. No plano social, as identidades das pessoas configuram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos, e, nesse sentido, direcionam os movimentos, refletindo a ação grupal (Machado, 2003, p. 52).

Para Aguiar (2006, p. 156), “[...] referir-se à identidade implica levar em consideração a estrutura social e o momento histórico, uma vez que o desenvolvimento da identidade do indivíduo é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais e incluídas também as condições do próprio sujeito”.

A construção da identidade do professor é um processo influenciado por múltiplos fatores, incluindo o contexto socioprofissional, as interações interpessoais, a formação inicial e continuada, a concepção de profissionalidade, a vivência acumulada e o conhecimento dela derivado, além de aspectos emocionais, cognitivos e éticos vinculados ao exercício da docência (Lima, Ferraz & Vendramin, 2022). Para Bonete (2022), a identidade é uma construção desenvolvida pelo indivíduo por meio de uma narrativa histórica, formada por suas diversas experiências vividas em sociedade. Essa identidade – seja pessoal ou profissional – não é estática ou permanente, mas, ao contrário, se transforma com o tempo. Essa transformação ocorre com a atuação ativa do sujeito, que se baseia em diferentes referências, como valores, emoções, tradições, cultura, experiências escolares e acadêmicas, conhecimentos, práticas, cultura escolar, cultura histórica, entre outros fatores.

No processo de construção da identidade profissional que integra o quadro das “identidades possíveis”, observa-se que as categorias, que dizem respeito à formação docente e às esferas do trabalho e do emprego, constituem os domínios de referência dos indivíduos para si mesmos.

A construção identitária não é permanente, longe disso; as identidades vão se constituindo em um processo perpétuo de “inconclusão” e de “reconstrução”, devido às incertezas dos contextos que impõem mudanças nas relações sociais e na construção das identidades (Silva, Aguiar & Monteiro, 2014). Elas se constroem simultaneamente nos julgamentos que os indivíduos fazem de si mesmos, tomando como referência os seus julgamentos sobre os outros e os dos outros sobre eles próprios, como também o contexto social no qual está inserido (Aguiar, 2004, 2006). Nas palavras de Dubar (2012, p. 358):

A vida de trabalho é feita, ao mesmo tempo, de relações com parceiros (patrões, colegas, clientes, público, etc.) inseridas em situações de trabalho, marcadas por uma divisão do trabalho, e de percursos de vida, marcados por imprevistos,

continuidades e rupturas, êxitos e fracassos. A socialização profissional é, portanto, esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (*self*), concebido como um processo em construção permanente.

A formação da identidade profissional ocorre a partir da interação entre fatores internos e externos ao indivíduo (Lima, Ferraz & Vendramin, 2022). Dois processos concorrem para a produção das identidades: o processo biográfico (identidade para si; transação interna ao indivíduo) e o processo relacional, sistêmico, comunicativo (identidade para o outro; transação externa entre o indivíduo e as instituições). Ambas as transações são articuladas e processadas por meio de mecanismos de pertencimento e de atribuição. Esses processos, apesar de heterogêneos, fazem uso de um mecanismo comum, o uso de esquemas de tipificação, o que implica a existência de “tipos identitários”. Estes representam um número limitado de modelos socialmente significativos e legitimados utilizados para realizar combinações coerentes de identificações fragmentárias (Dubar, 2005; Silva, Aguiar & Monteiro, 2014).

Dubar, na concepção de Rossi e Hunger (2013, p. 320), entende a identidade como uma interação entre dois movimentos de tensão contínuos. Um deles se refere aos “atos de atribuição”, que buscam definir o tipo de pessoa que o indivíduo é sob a perspectiva dos outros, ou seja, sua identidade para o outro. O segundo se trata dos “atos de pertencimento”, que expressam o tipo de pessoa que o indivíduo deseja ser, ou sua identidade para si mesmo. A tensão surge da oposição entre as expectativas que os outros têm sobre quem o indivíduo deve ser (e o que ele aceita ser) e o desejo que ele possui de adotar e de manifestar certas identidades.

Aguiar (2004) e Silva, Aguiar e Monteiro (2014) afirmam que, apesar da diversidade e da mutabilidade das situações, o indivíduo guarda um sentimento de unidade e de continuidade por meio do qual é reconhecido por si e pelos outros como sendo ele mesmo. Desse modo, em um processo de constituição identitária, as formas de identidade são inseparáveis das relações sociais, as quais são também formas de alteridade, pois não existe identidade sem relação entre o si próprio e o outro (Silva, Aguiar & Monteiro, 2014). A identidade profissional se molda entre os paralelos de uma identidade que o outro quer para o indivíduo e uma identidade que o indivíduo define para si mesmo. Esse processo não é contraditório ou excludente, mas, sim, uma interlocução dessas duas perspectivas que se manifestam na formação da identidade profissional (Pires, Oliveira Farias & Fazendeiro, 2019). Rossi e Hunger (2013) ressaltam que a identidade é o resultado de sucessivas socializações e se constitui a partir da articulação entre o processo relacional – que gera a identidade para o outro (a percepção do outro nos sistemas de ação e instituições nas quais está inserido) – e o processo biográfico, que molda a identidade para si (sua trajetória, planos de vida, entre outros aspectos).

Bonete (2022) salienta que o processo de constituição da identidade não se dá de maneira estável ou linear, mas de forma dinâmica e complexa, na medida em que o indivíduo pode recusar uma identificação e se definir de outra forma. Castells (2008, p. 25) distingue a construção da identidade em três formas e origens, tendo em vista que essa construção acontece por meio das relações de poder: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto.

- 1) A Identidade legitimadora é inserida por instituições dominantes da sociedade com o objetivo de disseminar e de racionalizar seu poder de dominação em relação aos outros atores sociais.
- 2) A Identidade de resistência é criada por atores sociais que se encontram em desvantagens e são estigmatizados pela lógica de dominação, criando barreiras para a sua sobrevivência com base em princípios diferentes dos que norteiam as instituições sociais.
- 3) A Identidade de projeto é construída a partir de materiais culturais para redefinir posições na sociedade, transformando, assim, a estrutura social.

Dubar (2005) aponta duas transações-chave do processo de construção das identidades sociais: a transação objetiva e a transação subjetiva. Nas palavras de Alves *et al.* (2007, p. 279):

A transação objetiva é a relação que o indivíduo estabelece com seu espaço de trabalho e com a retribuição concreta da contribuição que dá com seu trabalho para o ambiente social. A transação subjetiva se refere à relação temporal do indivíduo com a profissão, projeções realizadas para si e a identidade construída ao longo da vida.

A transação constitui uma transposição direta da equilibração, a qual envolve os processos de assimilação e de acomodação. Por meio da assimilação, o indivíduo procura modificar seu entorno para torná-lo mais coerente com seus desejos e para diminuir os sentimentos de ansiedade e de intensidade; por outro lado, pela acomodação, o indivíduo busca se modificar para responder às pressões e às coerções de seu entorno (Dubar, 2005). De acordo com Dubar (2009, p. 13):

A identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do paradoxo da identidade: o que há de único e o que é partilhado.

Chama-se a atenção para a ideia de que categorias sociais específicas, as socioprofissionais, servem para que o indivíduo identifique os outros e se autoidentifique. Essas categorias de modificam tanto de acordo com os espaços sociais, nos quais as interações são exercidas, quanto de acordo com as temporalidades biográficas e históricas, em que se desenvolvem as trajetórias (Dubar, 2005).

É na maneira como eles utilizam, pervertem, aceitam ou recusam as categorias profissionais oficiais que devem ser compreendidos os processos de identificação futura, que implicam rearranjos permanentes tanto das áreas quanto das categorias identitárias. Em contrapartida, as próprias categorias pertinentes de identificação social evoluem no tempo e permitem antecipações recíprocas sobre as quais é possível enxertar as negociações identitárias (Dubar, 2005). Para Aguiar (2006), a

identidade de uma pessoa é construída ao longo da vida, incorporando várias facetas identitárias, que podem até ser contraditórias, mas que preservam certa organização, coerência e estabilidade. É relevante notar que o processo de formação identitária é simultaneamente individual e social, envolvendo uma interação entre as identidades pessoal e social dos indivíduos, na qual componentes psicológicos e sociológicos se conectam de maneira única e organizada.

As identidades revelam um movimento constante entre atos de atribuição e atos de pertencimento (Berger, 2023). Atos de atribuição se referem ao que os outros definem e dizem do sujeito; essas atribuições são denominadas como identidades virtuais, vêm de fora, dos outros. Por sua vez, os atos de pertença dizem respeito à identificação que o sujeito tem com as atribuições que lhes foram feitas pelos outros.

De acordo com Berger (2023, p. 12.619),

É nessa movimentação da socialização profissional que o sujeito conquista uma posição social, considerando ainda a articulação processo biográfico e o relacional de produção das identidades que são mecanismos diferentes, mas complementares. O processo biográfico envolve o trabalho e a formação, é a projeção de um futuro possível, são as áreas pertinentes das identificações sociais dos próprios indivíduos a partir das categorias oferecidas por instituições sucessivas (famílias, escola, trabalho) ao longo de sua vida, que são acessíveis e atribuem valores. Já o processo relacional está ancorado nas experiências relacionais e sociais dos sujeitos, o que envolve também as relações de poder e os modos de se identificar com os pares e os outros grupos.

Cabe salientar que os indivíduos, segundo Dubar (2005), reconstróem as suas identidades sociais reais a partir de: identidades sociais herdadas da geração anterior (a primeira identidade social é sempre conferida); identidades virtuais (escolares) adquiridas durante a socialização inicial (primária); e identidades possíveis (profissionais) disponíveis no decorrer da socialização secundária.

O significado social da profissão afeta a construção da identidade profissional na revisão das representações sociais da profissão e das tradições. Desse modo, as identidades profissionais podem ser definidas como as maneiras socialmente reconhecidas de os indivíduos identificarem uns aos outros no campo profissional.

Identidade Profissional do Professor do Ensino Superior

A Identidade do professor é um tema de pesquisa relativamente novo, cujo conceito permeia diferentes áreas do conhecimento (Lima & Araujo, 2019). A construção da identidade profissional do professor do ensino superior é descrita na literatura como um processo complexo, marcado por etapas de construção, de desconstrução e de reconstrução. Esse processo é influenciado por uma variedade de fatores contextuais, incluindo elementos socioculturais e aspectos relacionados ao departamento acadêmico de atuação, bem como por fatores organizacionais, como a orientação institucional, a articulação entre docência e gestão, as percepções pessoais sobre o ser professor, os objetivos educacionais e as concepções sobre os aprendizes. Além disso, aspectos como a formação inicial e continuada, a profissionalidade docente, a experiência acumulada e o saber oriundo dessa experiência, assim como fatores emocionais, cognitivos e éticos, também exercem influência significativa (Lima & Araujo, 2019).

A identidade profissional de um professor é uma das dimensões da sua identidade social. Essa identidade profissional pode, assim, ser concebida como a autodefinição do indivíduo como professor, em relação à sua prática profissional. Essas são as características que identificam o indivíduo como professor e que ele partilha e tem em comum com outros professores por pertencer ao mesmo grupo profissional (Cattonar, 2001, p. 5). A identidade profissional do professor refere-se a um conjunto de características, experiências e posições de sujeito atribuídas (e autoatribuídas) por diferentes discursos e agentes sociais a esses profissionais no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocráticas (Garcia, 2010).

A identidade profissional do professor é, ao mesmo tempo, um processo de identificação e de diferenciação, não fixo e provisório, permeado por variadas interações, que resultam de negociações de ordem simbólica as quais os professores realizam em meio a um conjunto de variáveis como suas biografias (histórias de vida), os conhecimentos das especificidades da profissão, suas práticas, as relações e as condições de trabalho, as relações com o grupo profissional, a história e a cultura que caracterizam a docência como atividade profissional e as representações evidenciadas nos discursos que se enfrentam para definir os modos de ser e de agir dos professores no exercício da profissão; e, ainda, pela singularidade dos sujeitos (Garcia, 2010; Silva, Aguiar & Monteiro, 2014).

A identidade profissional é construída, também, por meio da representação que cada professor (como construtor de sua prática) confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, sua história de vida, as representações, as angústias, os saberes e os anseios, no sentido que “ser professor” tem em sua vida, bem como nas relações que se estabelecem com outros professores em diversos grupos sociais (Aguiar, 2004). A relação com os sistemas, as instituições e com os detentores dos poderes diretamente envolvidos na vida cotidiana aciona a implicação e o reconhecimento do indivíduo, seu engajamento e sua indiferença, sua participação ou sua contestação, sua identidade virtual reivindicada e sua identidade realmente reconhecida (Dubar, 2005).

Nos processos identitários dos professores da educação superior, outro fator que deve ser considerado é a identidade das Instituições de Educação Superior (IES), já que as IES guardam diferentes aspectos, características e objetivos relacionados ao trabalho que o professor realiza, influenciando na construção da identidade docente.

Como afirmam Franco e Gentil (2007, p. 12):

Os objetivos que se alteram são substituídos ou acrescidos de outros, transformando as identidades. Assim, os objetivos institucionais estão no cerne dos elementos que se unem e contribuem na constituição de identidades dos que trabalham numa dada instituição. Na medida em que trabalho é aspecto produtor de significados, é constitutivo de identidades. [...] nas IES os departamentos, os grupos de trabalho, os grupos de pesquisa são espaços de construção de identidade e os formatos por eles assumidos são ancorados em finalidades e em relações institucionais e povoam as construções identitárias do professor de ensino superior.

Percebe-se a identidade como um processo não linear e que está em constante (re)construção, levando-se em conta as circunstâncias nas várias dimensões e nos contextos sociais (Silva, Aguiar & Monteiro, 2014, p. 740). A identidade profissional, por sua vez, é uma

[...] identidade social particular que decorre do lugar das profissões e do trabalho no conjunto social e, mais especificamente, do lugar de uma certa profissão e de um certo trabalho na estrutura da identidade pessoal e no estilo de vida do ator (Lopes, 2001, p. 188).

As formas identitárias do professor são construídas nas relações sociais e de trabalho e se configuram a partir de dois processos: o biográfico (identidade biográfica para si); e o relacional (identidade relacional para o outro). Esses processos não são idênticos. Quando a identidade para si difere da identidade para o outro, tem-se como resultado as estratégias identitárias (Weber, 2019).

Conforme destaca Dubar (2005, p. 140), as estratégias identitárias são:

[...] destinadas a reduzir a distância entre as duas identidades. Elas podem assumir duas formas: ou a de transações “externas” entre o indivíduo e os outros significativos, visando a tentar acomodar a identidade para si à identidade para o outro (transação denominada “objetiva”), ou a de transações “internas” ao indivíduo, entre a necessidade de salvaguardar uma parte de suas identificações anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir para si novas identidades no futuro (identidades visadas), com vistas a tentar assimilar a identidade-para-o-outro à identidade-para-si. Essa transação, denominada subjetiva, constitui um segundo mecanismo central do processo de socialização concebido como produtor de identidades sociais.

Salienta-se que as identidades profissionais do professor são construídas e reconstruídas ao longo de sua vida a partir de relações sociais e profissionais (Weber, 2019).

A seguir, será apresentada a discussão sobre o cotidiano dos professores e suas identidades profissionais à luz de Certeau e Dubar.

O Cotidiano do Professor de Ensino Superior e suas Identidades Profissionais

A compreensão das dinâmicas organizacionais atuais exige uma atenção especial às práticas do dia a dia e aos processos pelos quais os indivíduos constroem suas identidades no ambiente de trabalho. Nesse contexto, os aportes teóricos de Michel de Certeau e de Claude Dubar são essenciais para ampliar as perspectivas tradicionais dos estudos organizacionais. Eles contribuem para deslocar o foco das estruturas formais e normativas, destacando como as pessoas, em suas rotinas, atribuem significados, negociam interpretações e (re)constroem suas identidades profissionais.

O cotidiano dos professores do ensino superior e as suas identidades profissionais estão profundamente interligados, são moldados por uma série de práticas, interações e contextos institucionais. Para entender como o cotidiano dos professores afeta suas identidades profissionais, à luz das teorias de Michel de

Certeau e de Claude Dubar, é necessário analisar dois aspectos principais: a prática cotidiana e a identidade profissional.

Certeau (1994), em seu trabalho sobre as práticas cotidianas, destaca como as pessoas utilizam estratégias e táticas para lidar com estruturas e regras impostas. Em *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*, Certeau diferencia estratégias (empregadas por instituições) e táticas (usadas pelos indivíduos para se adaptarem e navegarem pelas estruturas).

As instituições de ensino superior definem currículos, carga horária docente, métodos de avaliação, expectativas de produção acadêmica e outras diretrizes acadêmicas. Esses elementos podem ser vistos como as estratégias que moldam o ambiente de trabalho dos professores. Os professores, por sua vez, desenvolvem suas próprias táticas para lidar com as estratégias. Os professores podem adaptar métodos de ensino, desenvolver abordagens inovadoras para engajar os alunos, fazer uso de tecnologias digitais para enriquecer o ensino, buscar formas alternativas de avaliação, criar formas de pesquisa e ajustar suas pesquisas para se alinharem melhor com as áreas de interesse dos Programas de Pós-Graduação (PPG) e dos órgãos de fomento etc. Essas táticas ajudam os professores a moldar e a afirmar suas identidades profissionais dentro das estruturas estabelecidas pelas instituições.

A identidade profissional dos professores é, portanto, uma construção dinâmica que resulta da negociação entre as estratégias institucionais e as táticas individuais. Suas práticas cotidianas, por exemplo, a forma como conduzem suas aulas, como interagem com colegas e estudantes e de que forma participam de atividades acadêmicas, podem ser consideradas maneiras pelas quais os professores afirmam e adaptam suas identidades profissionais. Os professores frequentemente inventam maneiras de fazer suas tarefas diárias de forma que elas se ajustem tanto às demandas institucionais quanto às suas preferências pessoais.

Dubar (2005), em seus estudos sobre identidade profissional, explora a construção e a (re)construção das identidades em contextos profissionais. Em seu livro *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*, Dubar (2005) analisa como a identidade profissional é formada e transformada por meio da socialização no ambiente de trabalho. A identidade profissional dos professores é formada por meio da socialização acadêmica, que inclui interações com colegas, estudantes e aspectos institucionais. Essas interações influenciam a forma como os professores percebem a si mesmos e sua posição dentro do campo profissional, além disso, ajudam os professores a definir o que significa ser um profissional em seu campo e a construir uma identidade que reflete essas normas e expectativas internalizadas.

As práticas cotidianas dos professores, como o envolvimento em atividades de pesquisa, ensino, extensão, contribuem para o desenvolvimento de uma identidade profissional específica. A experiência prática e a reflexão sobre essas experiências acadêmicas auxiliam na construção e na modificação constante de suas identidades profissionais.

Observa-se, com base em Dubar, que a identidade profissional não é estática, ela evolui e é reconstruída no decorrer do tempo. As práticas cotidianas, como a participação em conferências, a colaboração em projetos de pesquisa e o *feedback*

recebido de estudantes e colegas, influenciam continuamente a identidade profissional dos professores.

Argumenta-se que Certeau e Dubar oferecem perspectivas complementares sobre o cotidiano e as identidades a despeito de duas abordagens teóricas aparentemente distintas. Com base no referencial teórico construído para este estudo, alguns pontos em comum entre as ideias de Certeau e de Dubar são indicados na Tabela 1.

Tabela 1 - Categorias analíticas comuns nas ideias de Certeau e Dubar

Categorias	Descrição
1. Centralidade do cotidiano	Ambos os pensadores colocam o cotidiano no centro da análise de identidade. Certeau explora como os indivíduos criam sentido e identidade por meio de suas práticas diárias, enquanto Dubar investiga como as mudanças nas condições de trabalho e na vida cotidiana afetam as identidades pessoal e profissional.
2. Influência das estruturas sociais	Embora Certeau se concentre mais nas práticas diárias como formas de resistência, ele ainda reconhece a influência das estruturas sociais sobre o cotidiano. Dubar, por sua vez, analisa como as estruturas sociais de trabalho e econômicas moldam a identidade. Ambos reconhecem que a identidade é influenciada por fatores externos e contextuais, mas que também é caracterizada pela maneira como os indivíduos interagem com esses fatores.
3. Ação individual e coletiva	Certeau enfatiza o papel da ação individual e coletiva na formação da identidade por meio de práticas cotidianas. Dubar, embora focado no trabalho, também considera que as ações dos indivíduos e dos grupos dentro do contexto econômico e social afetam a construção da identidade. Ambos os autores reconhecem a importância das práticas e das ações individuais e coletivas na formação da identidade.
4. Resistência e criatividade	Certeau argumenta que as pessoas usam táticas criativas para circular e resistir às estruturas de poder e normas sociais. Da mesma forma, Dubar analisa como os indivíduos adaptam e reinventam suas identidades em resposta às transformações no mundo do trabalho e às instabilidades associadas. Certeau e Dubar reconhecem que a identidade é moldada pela capacidade de os indivíduos responderem de maneira adaptativa e criativa às pressões externas.
5. Alteridade	Na visão de Certeau, a alteridade refere-se à natureza ou à condição do que é outro, do que é distinto; como a situação, o estado ou a qualidade que se constitui por intermédio de relações de contraste, distinção, diferença. Para Dubar, alteridade refere-se à construção da identidade em relação ao “outro” ou aos outros, destacando que a identidade pessoal e social de um indivíduo não se forma isoladamente, mas sempre em relação a outras pessoas e grupos.
6. Construção da identidade	Para Certeau, a identidade é construída por meio das práticas cotidianas que permitem aos indivíduos negociar e transformar seu ambiente. Dubar também vê a identidade como algo construído e reconstruído ao longo do tempo, particularmente em resposta a mudanças estruturais e sociais. Ambos entendem a identidade como um processo dinâmico e em constante evolução.

Fonte: Elaboração própria (2025).

As categorias apresentadas na Tabela 1 mostram como as ideias de Certeau e de Dubar se complementam ao oferecerem uma visão integrada sobre como o cotidiano e a identidade são interligados e construídos por práticas nos contextos sociais.

A seguir, serão tecidas as considerações finais deste estudo.

Conclusões

Este texto teve como objetivo discutir o cotidiano do professor de ensino superior e suas identidades profissionais à luz de Michel de Certeau e Claude Dubar. Acredita-se que o objetivo foi atingido.

A partir das teorias de Michel de Certeau e de Claude Dubar, foi possível entender que as práticas cotidianas dos professores de ensino superior são cruciais para a construção e a (re)construção de suas identidades profissionais. Especificamente com base em Certeau, pôde-se compreender como os professores adaptam e reinterpretam as estratégias institucionais por meio de táticas individuais. Por sua vez, Dubar ofereceu uma perspectiva sobre como a identidade profissional é moldada e transformada pela socialização e pela experiência contínua no ambiente acadêmico. Ambas as abordagens destacam a importância do cotidiano profissional, bem como a complexidade e a dinamicidade envolvidas na constante construção da identidade profissional dos professores do ensino superior.

Foram apontadas seis categorias analíticas em comum entre Certeau e Dubar sobre cotidiano e identidade profissional: centralidade do cotidiano; influência das estruturas sociais; ação individual e coletiva; resistência e criatividade; alteridade; e construção da identidade.

O estudo do cotidiano e das identidades profissionais do professor de ensino superior favorece a área de Estudos Organizacionais ao oferecer uma visão das dinâmicas internas das instituições de ensino, revelando como práticas diárias, as relações interpessoais e as adaptações individuais afetam o ambiente organizacional, desse modo, este estudo seguiu nessa direção.

Este texto auxilia na compreensão das práticas organizacionais cotidianas dos professores, pois ajuda a revelar as práticas informais que, muitas vezes, escapam da visão e que são fundamentais para o funcionamento de uma organização. Além disso, o estudo do processo de formação das identidades profissionais dos professores permite explorar como os professores do ensino superior desenvolvem um senso de pertencimento e de compromisso com as organizações.

Pelo exposto, este estudo contribuiu para diminuir um hiato na literatura sobre o cotidiano e as identidades profissionais dos professores do ensino superior. Entretanto, foi possível observar ainda outras lacunas na literatura. Assim, como sugestões para futuros estudos, indica-se a realização de uma pesquisa empírica sobre as práticas cotidianas e a formação das identidades profissionais dos professores de ensino superior. Sugere-se, também, analisar a formação inicial e continuada dos professores, explorando como os processos de formação inicial e de desenvolvimento profissional ao longo da carreira moldam as identidades desses profissionais, observando tanto as práticas formais (cursos e certificações) quanto as informais (autoaprendizagem, grupos de estudo, redes acadêmicas). Sugere-se, ainda, investigar como os professores conciliam suas identidades como pesquisadores e educadores, considerando as demandas distintas que esses papéis exigem. Finalmente, recomenda-se a realização de uma pesquisa sobre como as relações de poder influenciam o cotidiano e a formação da identidade profissional dos professores do ensino superior.

Referências

- Aguiar, M. da C. C. de. (2004). *A formação contínua do docente como elemento na construção de sua identidade*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.
- Aguiar, M. da C. C. de. (2006, 2º sem.). Implicações da formação continuada para a construção da identidade profissional. *Psicologia da Educação*, 23, pp. 155-173.
- Alves, C., Cunha, V. M., Gatti, B., Lima, L. F., Hobold, M., Igari, C., Martins, T. G., Mussi, A. A., Oliveira, R. de, Rigolon, V., Pacheco, M., Pagbez, K., Pereira, R., Santos, D. S. dos, Silvestre, M. A., & Vieira, M. M. da S. (2007, jan.-jul.). Identidade profissional de professores: um referencial para pesquisa. *Educação e Linguagem*, 10(15), pp. 269-283.
- Berger, T. C. M. (2023, Apr.). O formador de professores e sua identidade profissional. *Brazilian Journal of Development*, 9(4), pp. 12615-12634.
- Bonete, W. J. (2022, jan.-jun.). O conceito de identidade em perspectiva: as contribuições de Jörn Rüsen, Claude Dubar e Stuart Hall para a pesquisa sobre a formação de professores de História. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, 40, pp. 113-131.
- Cabana, R. del P. L., & Ichikawa, E. Y. (2017, abr.-jun.). As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. *O&S*, 24(81), pp. 285-304.
- Callefi, J. S., & Ichikawa, E. Y. (2021, maio-ago.). O cotidiano e a territorialização dos idosos em um asilo do Norte do Paraná. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(2), pp. 350-371.
- Cardoso, M. E. (2010, jul.-dez.). Identidade(s) e identidade(s) docente(s). *Jornal de Políticas Educacionais*, 8, pp. 35-51.
- Castells, M. (2008). *O poder da identidade*. (6ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Cattonar, B. (2001). *Les identités professionnelles enseignantes*. Ebauche d'un cadre d'analyse. Recuperado de <https://shs.hal.science/halshs-00603566/document>. Acesso em: 28 out. 2024.
- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. (13ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M. de, Giard, L., & Mayol, P. (2004). *A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Dubar, C. (2012, maio-ago.). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), pp. 351-367.
- Dubar, C. (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 292.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Faria, A. M., & Silva, A. R. L. da. (2017). Michel de Certeau nos Estudos Organizacionais: caracterização da produção científica estrangeira no período de 2006 a 2015. In *XI Congresso Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Costa do Sauípe, Bahia.

- Franco, M. E. D. P., & Gentil, H. S. (2007). Identidades do professor de ensino superior: questões no entrecruzar de caminhos. In Franco, M. E. D. P., & Krahe, E. D. (org.). *Pedagogia universitária e áreas de conhecimento*. (v. 1. p. 39-58). Porto Alegre: EdiPucrs. Série RIES/PRONEX.
- Garcia, M. M. Identidade docente. (2010). In Oliveira, D. A., Duarte, A. M. C., & Vieira, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. (p. 1-3). Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2015, jan.-jun.). Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Revista Gestão & Conexões*, 4(1).
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2014, set.). Cotidiano Cooperativo: um estudo em uma feira de pequenos produtores do Oeste do Paraná. In *XXXVIII Encontro da Anpad – ENANPAD*. Rio de Janeiro, RJ.
- Joaquim, N. de F. (2012, maio). A gestão (extra)ordinária do cotidiano. In *VII Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad*. Curitiba.
- Leite, R. P. (2010). A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 53, pp. 737-756.
- Lima, J. P. R. de, & Araujo, A. M. P. de. (2019, maio-ago.). Tornando-se professor: análise do processo de construção da identidade docente dos professores de contabilidade. *ASAA Journal*, 12(2), pp. 59-80.
- Lima, J. P. R. de, Ferraz, L. Z. T., & Vendramin, E. de O. (2022, jan.-abr.). O que me faz docente? Análise dos constituintes da identidade docente em Contabilidade. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 27(1), pp. 101-121.
- Lopes, A. (2001). *Libertar o desejo, resgatar a inovação: a construção de identidades profissionais docentes*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Machado, H. V. (2003). A Identidade e o Contexto Organizacional: a Identidade e o Contexto Organizacional – Perspectivas de Análise. *Revista de Administração Contemporânea, Edição Especial*, pp. 51-73.
- Mayol, P. (2004). O Bairro. In Certeau, M. de, Giard, L., & Mayol, P. (2004). *A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, A. L. S., Marra, A. V., & Honorato, B. E. F. (2015, set.). Artes do Fazer e Cotidiano na Escola: entre o controle e a resistência. In *V Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Salvador, BA.
- Oliveira, J. S. de, & Cavedon, N. R. (2013, mar.-abr.). Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), pp. 156-168.
- Pais, J. M. (2003, mar.). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez.
- Pires, V., Oliveira Farias, G., & Fazendeiro Batista, Paula Maria. (2019, out.-dez.). Construção da identidade profissional docente de estagiários em educação física. *Educación Física y Ciencia*, 21(4).
- Rates, H. F., Cavalcante, R. B., Santos, R. C. dos, & Alves, M. (2019). Everyday life in nursing work under the Michel de Certeau's perspective. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(1), pp. 341-345.

- Rodrigues, F. da S., & Ichikawa, E. Y. (2015, jan.-abr.). O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 9(1), pp. 97-112.
- Rossi, F., & Hunger, D. A. C. F. (2013). *A formação continuada sob análise do professor escolar*. São Paulo: Editora UNESP. 123p. ISBN: 978-85-393- 0419-6. Recuperado de DOI: <https://doi.org/10.7476/9786557144787>.
- Schatzki, T. R. (2006). On organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), pp. 1863-1873.
- Silva, A. Z., & Silva, M. L. R. da. (2022). Constituição da Identidade Profissional Docente. *Educação*, (47), pp. 1-29.
- Silva, E. P. da; Mano, A. de M. P. (2018, jan.-abr.). Identidade profissional docente: concepções de futuros professores. *Ensino em Re-Vista*, 25(1), pp. 184-208.
- Silva, M. da C. V. da, Aguiar, M. da C. C. de, & Monteiro, I. A. (2014, maio-ago.). Identidade profissional docente: interfaces de um processo em (re)construção. *Perspectiva*, 32(2), pp. 735-758.
- Smith, J. (2012). *Reviews: from systematic to narrative LHL Guides at UAB Lister Hill Library of the Health Sciences*. Birmingham, Alabama: Lister Hill Library.
- Sousa Filho, A. (2002). Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. *Sociabilidades*, ResearchGate, 2, p. 129-134.
- Stecanela, N. (2009, jan.-maio). O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. *Conjectura*, 14(1), pp. 63-75.
- Weber, V. (2019, abr.). O Método Biográfico na Investigação das Identidades Profissionais Docentes. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 7(13), pp. 43-56.